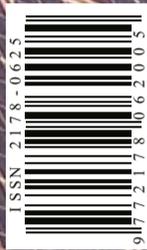


Revista **AgriMotor**

O agronegócio em destaque



ENERGIA SOLAR: A GRANDE SACADA DO AGRONEGÓCIO

Projeto brasileiro transforma agricultura no Sudão

Os avanços na Política Ambiental

DIGITAL

Utilizando aço para construir futuro!

A Cedisa Central de Aço está há 46 anos no mercado nacional, transformando aço em solução e entregando aos seus clientes produtos de **qualidade** e **durabilidade**, além do **mix mais completo** do mercado.

Venha ter uma experiência completa em fornecimento de aço, com um time **especializado em maquinários agrícolas**, que está pronto para te atender. Acesse nosso site e redes sociais para saber mais.

A Cedisa tem exatamente o que o seu projeto precisa!

 Cedisa - Central de Aço

 @cedisacentraldeaco

 CedisaCentraldeAçoSA

 www.cedisa.com.br

ENERGIA SOLAR
Transformando luz em bons negócios para o agro



POLÍTICA
O agro procura um pacificador



MEIO AMBIENTE
Os avanços necessários na política ambiental



DESTAQUES

4 EDITORIAL

6



14

INTERNACIONAL
Pivô de irrigação faz sucesso no exterior

16



20

CONJUNTURA
Confiança em alta, mas com atenção redobrada

28



32

TECNOLOGIA
A tecnologia no agronegócio

36

O Sol continua a brilhar no Agronegócio



HENRIQUE ISLIKER PÁTRIA
EDITOR RESPONSÁVEL

Se ainda resta alguma preocupação com a retomada da economia, com a geração de empregos e a expansão dos negócios e das vendas, elas passam distante do agronegócio, que está colhendo bons resultados e se modernizando, aumentando sua produtividade e se adaptando às novas exigências mundiais quanto ao meio ambiente.

É o que mostra a reportagem exclusiva que você vai ler aqui nesta edição da Revista AgriMotor, dando conta, entre outras coisas importantes, que o Brasil acaba de ingressar em um clube fechadíssimo: estamos entre os dez países de maior geração de energia renovável no planeta com destaque para a energia solar. Mais precisamente, na nona posição no ranking global, segundo dados recentes divulgados pela International Energy Agency Photovoltaic - Power Systems Programme (IEA-PVPS). Sim, a cada dia que passa, estamos usando com mais propriedade os abundantes recursos naturais que nosso país possui.

Ainda falando de sucesso, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) divulgou agora em maio que as previsões de mais

uma safra recorde no Brasil não foram alteradas. Com base em levantamentos de abril, o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) deste ano deve ser 12,1% superior em termos reais, em relação ao registrado em 2020.

Tais informações fazem parte de outra matéria exclusiva, na qual apresentamos os resultados da 24ª edição da Pesquisa Global com CEOs da PwC (24th Annual Global CEO Survey), que contou com a participação de representantes de toda a cadeia do agro ao redor do mundo. Nela, 77% das respostas trazem expectativas positivas para o crescimento e desenvolvimento do setor. Além dessa cifra animadora, chama ainda atenção nessa reportagem o alerta feito pela PwC de que os empresários brasileiros do setor precisam, assim como os de todo mundo, obrigatoriamente, concentrar foco no atendimento das práticas do Environmental, Social and Corporate Governance (ESG), conceito atualíssimo que, em bom português significa Práticas Ambientais, Sociais e de Governança Corporativa. O mundo está sendo sufocado pela poluição e cada um dos seres vivos tem de fazer a sua parte.

Todos sabemos que o Brasil possui um dos mais avançados códigos florestais do mundo, e que após muita discussão, adotou-se o modelo que premia a existência e a permanência das florestas em perfeita harmonia com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária. Contudo, como tivemos oportunidade de enfatizar na edição anterior da AgriMotor, na verdade, há muito mais

preocupação dos países líderes mundiais com o que o Brasil produz e com a velocidade que nosso país comercialmente avança sobre os mercados consumidores ao redor do globo, assumindo posições que originalmente pertenceu a algum dos líderes anteriormente, do que, genuinamente, qualquer outra ilação sobre meio ambiente. Assim, precisamos também ficar atentos a essa dinâmica, atuando de forma preventiva para que ela não crie obstáculos à conquista dos objetivos do agro brasileiro.

Por conta disso, leia com muita atenção também nos artigos assinados dessa edição as recomendações de especialistas para que o Brasil consiga avançar em sua política ambiental em face às “brigas” políticas e aos esforços altamente prejudiciais que têm sido feitos no âmbito internacional para atrapalhar nosso desempenho e a boa imagem do nosso país no exterior. Acerca dessa movimentação, não deixe de ler com especial atenção o relato de como os agricultores estão cada dia mais antenados a tais disputas e, ainda, como o trabalho e a atuação de uma empresa brasileira estão obtendo resultados bastante positivos, ajudando a irrigar o deserto no Sudão.

Por fim, confira também as novidades em produtos, as tendências, as mais recentes informações sobre os movimentos sociais ligados ao agro no Brasil, e tudo mais que você precisa saber para trilhar com segurança os caminhos e desafios do futuro, que temos a grata satisfação de lhe apresentar.

E, por favor, continue prestigiando a Revista AgriMotor, visitando todos os nossos canais de comunicação e nosso amplo acervo de informações digitais. Nossa meta para junho é ultrapassarmos os 50 mil pageviews já conquistadas graças à sua participação. Estamos muito perto de superar essa marca, o que nos enche de orgulho, satisfação e de muita alegria, por que isso atesta, mais uma vez, que estamos no caminho certo.

Boa leitura!

GRIPS
EDITORA

Ano 16 – nº 109 – Maio 2021

É uma publicação de propriedade da Grips Marketing e Negócios Ltda.com registro no INPI sob no 826584527.

Diretoria:

Henrique Isliker Pátria
Maria da Glória Bernardo Isliker
diretoria@grips.com.br

Coordenação de TI:

Versão Digital

Vicente Bernardo
vicente@grips.com.br

Coordenação jurídica:

Marcia V. Vinci - OAB/SP 132.556
mvinci@adv.oabsp.org.br

Produção:

Editor Responsável

Henrique Isliker Pátria - MTb-SP 37.567

Reportagens Especiais

Marcus Frediani - MTb 13.953

Comercial:

henrique@grips.com.br
marcia@grips.com.br

Projeto Editorial:

Grips Editora

Projeto gráfico e Edição de Arte / DTP:

Ana Carolina Ermel de Araujo
Tadeu Sakagawa

Capa:

Criação: Tadeu Sakagawa

Foto: Pixabay

Divulgação:

Através do site: www.agrimotor.com.br

Observações:

A opinião expressada em artigos técnicos ou pelos entrevistados são de sua total responsabilidade e não refletem necessariamente a opinião dos editores.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS:

Grips Marketing e Negócios Ltda.

Rua Cardeal Arcoverde 1745 – conj. 113 São Paulo/SP – CEP 05407-002

Tel.: +55 11 3811-8822 - www.agrimotor.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou qualquer meio, sem prévia autorização.

Voltar para
o Índice de
Matérias

ABRASOL

Transformando luz em bons negócios para o agro

Sol e energia: uma combinação perfeita de produtividade, que tem tudo a ver com o futuro do agronegócio brasileiro.

Marcus Frediani

O Brasil acaba de entrar para um seleto “Top 10” de utilização de energias alternativas. Segundo mapeamento da Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (ABSOLAR), a partir de dados da International Energy Agency Photovoltaic Power Systems Programme (IEA PVPS), o país alcançou a 9ª posição no ranking mundial de potência adicionada anual da fonte solar fotovoltaica em 2020. No total, foram instalados 3.152,9 megawatts (MW) da fonte solar fotovoltaica, incluindo 2.535,3 MW (80 %) em sistemas de geração distribuída e 617,6 MW (20 %) em sistemas de geração centralizada.

Embora a contribuição do agronegócio ainda seja pequena entre as classes de consumo dessa matriz energética (7%, também de acordo com a ABSOLAR), a perspectiva de ampliação dessa cifra no médio e longo prazos é bastante promissora, seguindo o ritmo de desenvolvimento do próprio setor, que necessita



de eletricidade para realizar boa parte de suas atividades. E quem assina embaixo é a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), ao afirmar que a geração de energia nas propriedades rurais contribuirá fortemente para o desenvolvimento sustentável no campo e para a diversificação da matriz energética por meio das fontes renováveis vinculadas ao agronegócio. Por conta disso, os investimentos dos agricultores e pecuaristas nesse setor na tecnologia já ultrapassaram a marca de R\$ 1,2 bilhão desde 2012, sendo que os maiores produtores são, pela ordem, Minas Gerais, com 19,9%, Rio Grande do Sul e São Paulo, com 12,5% cada.

O poder inesgotável dos fotovoltaicos

Para o público do campo, economia na

conta de eletricidade é o benefício mais evidente que tem validado a opção por essa matriz energética ecossustentável, uma vez que sua geração parte de uma fonte limpa e renovável, diminuindo os impactos negativos ao meio ambiente. Essa equação, aliás, ganha em rentabilidade quando se fala de sistemas de conversão da luz direta do sol em eletricidade, por meio do chamado efeito fotovoltaico. A célula fotovoltaica, um dispositivo fabricado com material semicondutor, é a unidade fundamental desse processo de conversão, e um conjunto delas, integrado à formatação “on-grid” que permite inserir a energia gerada diretamente na rede elétrica, transferindo o excesso de energia gerada para a distribuidora, proporcionando, em

muitos casos, economia de até 95% da conta de luz.

Porém, essas são apenas algumas das múltiplas vantagens que a instalação de painéis solares nas propriedades pode trazer a partir dos investimentos em novas tecnologias para aumentar sua produtividade e sua competitividade. Por exemplo, gerar a própria energia é uma ótima alternativa para não sofrer com as instabilidades que ocorrem nas zonas rurais, deixando os produtores menos dependentes do fornecimento das redes de energia convencionais. Além disso, a durabilidade desses sistemas de geração demanda baixa manutenção e têm vida útil média de 25 anos. Outra vantagem, ainda, é a possibilidade de financiamento

do sistema em longo prazo e com juros baixos. Isso, sem falar que muitas vezes o produtor consegue um bom período de carência antes de começar a pagar o financiamento – em geral, até que o projeto esteja totalmente funcional –, sendo que o valor da parcela, não raro, é menor do que aquele que ele paga normalmente em sua conta de energia.

Já em termos de aplicações práticas no campo, o uso da energia solar no agronegócio apresenta uma ampla série de benefícios e possibilidades. Uma delas é no bombeamento de água, por meio da substituição das bombas movidas a diesel por equipamentos que utilizam a energia solar como matriz. Na irrigação, os sistemas convencionais podem ser automatizados





a partir dela, com a vantagem de proporcionar ainda o efetivo controle do fluxo de água na operação de molhagem das plantações, minimizando o consumo e reduzindo problemas.

“Indo para a pecuária, no segmento de produção leiteira, é possível maximizar esse processo e proteger todo o insumo de forma eficiente, pois o uso de módulos solares nessa atividade permite que o leite seja conservado da melhor maneira nas câmaras de resfriamento,

diminuindo prejuízos com perdas de itens e otimizando o tratamento com os animais. Como boa parte das fazendas utilizam cerca elétrica para o manejo do gado, que tem um baixo custo, porém com o uso da energia solar é possível economizar ainda mais no processo. E na avicultura, com o uso da matriz solar, granjas e espaços para criação de frangos para corte conseguem diminuir os gastos com eletricidade e, assim, aumentar os resultados do setor”, lista Rodrigo Sauaia, CEO da ABSOLAR.

Aquecendo os negócios do agro

Paralelamente ao avanço do uso da tecnologia fotovoltaica, que converte diretamente os raios solares em eletricidade, tem-se observado também



Rodrigo Sauaia,
CEO da Associação
Brasileira de
Energia Solar
Fotovoltaica
(ABSOLAR)

que existe um espaço muito grande no Brasil para o crescimento do uso de energia solar térmica, cujos sistemas usam o calor do sol diretamente para aquecer outro meio, geralmente água.

De acordo com a pesquisa anual de Produção e Vendas de Sistemas de Aquecimento Solar 2021, o volume de produção de coletores solares térmicos somou 1,42 milhões de m², com aumento de 7,3% no ano de 2020 na comparação com o ano de 2019. Entre as vantagens da modalidade figuram a instalação fácil e rápida dos aquecedores, a possibilidade de se utilizar o gás natural, de baixo impacto ambiental, e que, nessa mesma linha, pode utilizar como combustível para queima alguns subprodutos que são eventualmente descartados na produção agrícola, tais como o bagaço da cana-de-açúcar e as cascas de cereais.

Com relação à distribuição das vendas nos segmentos de mercado da energia solar térmica, é possível observar, que o setor mais significativo é o residencial (70%), seguido pelo comercial (16%), projetos sociais (6%), industrial (5%) e serviços (3%). “Contudo, o que nem todo mundo sabe é que no agronegócio existem vários exemplos de utilização dela, como é o caso do setor de produção de leite. Esse produto normalmente é colocado em tambores para o envio para a indústria de beneficiamento. E a limpeza desses



Oscar de Mattos,
Presidente da
Associação Brasileira
de Energia Solar
Térmica (ABRASOL).

tambores utiliza muito a água quente. Em função disso, muitos produtores utilizam o aquecimento solar de água para reduzir de forma significativa os custos com energia elétrica”, destaca Oscar de Mattos, presidente da Associação Brasileira de Energia Solar Térmica (ABRASOL).

Outra utilização dos sistemas térmicos solares – cuja pesquisa vem avançando fortemente na Europa, podendo chegar rapidamente também ao Brasil, graças a uma parceria acadêmica entre a Universidade de Aveiro, em Portugal, e a Universidade Federal do Ceará – é a aplicação dessa tecnologia como fonte de energia principal para o controle do ambiente interno de estufas agrícolas de alta eficiência, por meio do uso de coletores solares térmicos de baixa temperatura para o aquecimento de água, que serve como acumulador de calor e de meio de transporte da energia para o interior dessas estruturas capazes de criar um ambiente mais protegido para o cultivo e desenvolvimento de diversas plantas. O objetivo básico é reduzir o percentual de utilização de combustíveis fósseis

Infográfico Geração solar

Geração Centralizada

Potência instalada (MW) e status das usinas solares fotovoltaicas outorgadas do mercado regulado e do mercado livre por estado:



Evolução do Preço da Fonte Solar Fotovoltaica em Leilões de Energia no Mercado Regulado



Recordes de Geração de Energia

A fonte solar fotovoltaica atingiu novos recordes de geração de energia elétrica no Sistema Interligado Nacional (SIN):



Cadeia Produtiva

Quantidade de fabricantes do setor solar fotovoltaico cadastrados no FINAME do BNDES:

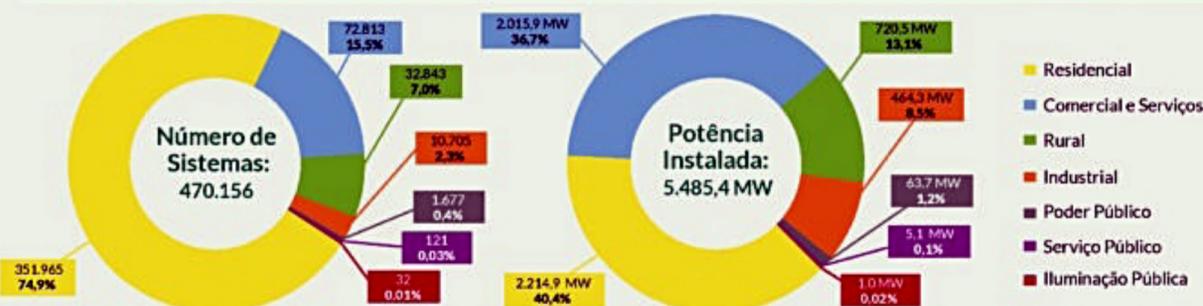


Geração Distribuída

Sistemas de microgeração (até 75 kW) e minigeração (acima de 75 kW até 5 MW) distribuída solar fotovoltaica implantados em residências, comércios, indústrias, propriedades rurais e prédios públicos.



Geração Distribuída Solar FV no Brasil por Classe de Consumo



necessários para manter o ambiente da estufa dentro dos parâmetros requeridos por cada tipo de cultura, com economia para o agricultor e elevado grau de eficiência, proporcionando, a um só tempo, aumento da produtividade e redução das emissões de carbono e do risco para os trabalhadores do campo.

Marco legal e esforço de padronização

Embora tenha avançado nos últimos anos, o Brasil – detentor de um dos melhores recursos solares do planeta – continua atrasado no uso da geração própria de energia. Dos mais de 86,3 milhões de consumidores de energia elétrica do País, menos de 0,7% já faz uso do sol para produzir eletricidade, limpa, renovável e competitiva.

Para a Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (ABSOLAR), a aprovação do marco legal da modalidade será o melhor caminho para evitar retrocessos e democratizar a geração própria no País. O marco legal está pronto para votação na Câmara dos Deputados, por meio do Projeto de Lei (PL) nº 5.829/2019, de autoria do deputado federal Silas Câmara e relatoria do deputado federal Lafayette de Andrada. No total, 38 instituições representativas do País apoiam o projeto, que garantirá em lei o direito aos brasileiros de gerar e consumir sua própria eletricidade por meio de fontes limpas e renováveis, incluindo de produtores rurais, entre as quais a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

“A energia solar terá função cada vez mais estratégica para o atingimento das metas de desenvolvimento econômico e ambiental do País, sobretudo neste momento, para ajudar na recuperação da economia após a pandemia, já que se trata da fonte renovável que mais gera empregos no mundo”, aponta o CEO da ABSOLAR, Rodrigo Sauaia.

Com objetivo semelhante, no último dia 8 de abril, a Associação Brasileira de Energia Solar Térmica (ABRASOL) lançou o RENASOL 01, uma Recomendação Normativa para projeto, fornecimento e instalação de sistema de aquecimento solar para instalações de grande porte. “O RENASOL é um trabalho elaborado pelos agentes que atuam nesse mercado – entre os quais fabricantes, projetistas e instaladores que nasceu na ABRASOL, e está sendo replicado para todo o país. Percebemos que com o incremento da utilização do aquecedor solar de água em prédios em São Paulo, fez-se necessário estabelecer critérios de dimensionamento e instalações. Daí nasceu a ideia de se ter uma padronização de requisitos e padrões mínimos de segurança e de qualidade na parte de projeto, instalação e manutenção dos aquecedores solares, que estão reunidos na RENASOL 01”, explica o presidente da entidade, Oscar de Mattos.

PIVÔ DE IRRIGAÇÃO FAZ SUCESSO NO EXTERIOR

Projeto brasileiro de pivô movido a energia solar transforma agricultura no Sudão

Por meio da cooperação de especialistas brasileiros e sudaneses, projeto inovador resultou em uma solução sustentável e eficiente para o cultivo em condições adversas no deserto africano.

O Sudão é o terceiro maior país do continente africano. Banhado pelo rio Nilo, o país tem a agricultura como sua principal atividade econômica – 80% da força de trabalho sudanesa atua no setor, que responde por cerca de 40% do PIB nacional.

Apesar do domínio do setor, o Sudão enfrenta obstáculos que dificultam a expansão da agricultura – especialmente o clima seco e quente do deserto, nas regiões central e norte do país, longe das margens do rio.

Como resultado, a maioria das culturas prospera na região sul, onde o clima tropical de florestas e savanas permite o cultivo de produtos como o algodão – o principal bem de exportação do país.

Como, então, superar esses problemas e promover o crescimento da agricultura em outras partes do território? A Valley Irrigação, empresa de Valmont, apresentou a solução – a instalação de uma usina fotovoltaica para alimentar o pivô central, fazendo uso da energia solar e eliminando a necessidade de conexão com a rede elétrica.

Através do trabalho da equipe da Valmont Solar Solutions, o

projeto resultou no primeiro pivô Valley fora do Brasil que trabalha 100% através de energia solar – instalado no meio do deserto.

O projeto tecnológico foi viabilizado pela Valley Irrigação e exigiu, sobretudo, cooperação internacional. Criado e desenvolvido pelo setor de P&D da companhia no Brasil, o pivô foi instalado pela equipe sudanesa, sob a supervisão de engenheiros de Dubai.

A grande importância do projeto é que ele pode abrir precedentes para uma revolução

agrícola de precisão no país africano, abrindo portas para o desenvolvimento de outras soluções sustentáveis em outras regiões isoladas, ampliando o acesso a benefícios como a irrigação.

"A ideia deste projeto pioneiro é viabilizar a produção agrícola em locais onde isso foi considerado impossível. Com a ajuda da equipe da Valmont Solar Solutions, essa ideia pode ser uma realidade", afirma o gerente geral, Fábio Yanagui.

<http://valleyirrigation.com.br/specialty-solutions/solar>



Divulgação Valley

SEJA UM INVESTIDOR SOCIAL, DECLARE SOLIDARIEDADE

QUEM PODE DOAR?

PESSOA FÍSICA

que apresente a Declaração de Imposto de Renda (DIRPF) no formulário completo, que apure imposto a pagar ou tenha direito a restituição.

Se houver imposto a pagar: Serão gerados dois DARF's: um para o Tesouro Nacional e outro para destinação. O valor destinado será abatido do que você deveria pagar de imposto.

Se tiver restituição: Será gerado apenas um DARF com o valor da destinação. O valor destinado será somado à sua restituição atualizado pela Taxa Selic.

Lembre-se: Em ambos os casos, o limite de 3% do imposto devido é calculado automaticamente pelo Programa Gerador do Imposto de Renda.

Importante: Você não pagará mais imposto nem terá sua restituição diminuída.

PESSOA JURÍDICA

desde que tributadas com base no lucro real, limitando-se a 1% do imposto devido. Seu contador saberá orientá-lo.

Destine parte do seu Imposto de Renda aos Projetos Socioeducativos do Larzinho via Fundo Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de São Paulo – CONDECA (Incentivo Fiscal, Lei Federal nº 8.069, de 13/07/90).

Projeto já aprovado pelo CONDECA: "JiuJitsu como Prática de Educação, Cultura e Lazer, Certificado de Captação 305".

COMO?

1) Na Declaração de IR, preencha a ficha "Doações diretamente na declaração", clicar na opção "NOVO", "ESTADUAL", selecione "SP" e preencha o campo "Valor", que deverá ser igual ou menor ao "Valor disponível para doação" indicado na tela. Para finalizar imprima selecionando a opção "Darf - doações diretamente na declaração - ECA".

2) Envie cópias dos comprovantes (DARF e de pagamento) e da carta de direcionamento para o CONDECA através do e-mail: condeca@sp.gov.br, com cópia para presidente@larzinho.org.br (o modelo da Carta se encontra no site www.larzinho.org.br)



Dúvidas ou esclarecimentos?

11 97515-1401 - Walter / 99261-0506 - Nakazone / 99772-0447 - Antonio



Larzinho na rede
www.larzinho.org.br

O agro procura um pacificador

José Luiz Tejon Megido*

Os humores no Brasil andam exaltados. Chacrinha, o velho guerreiro, dizia: “Quem não se comunica, se estrumbica”. Aproveito o estrumbica, que significa se complica, e dizer: país onde só tem briga, todo mundo se estrumbica.

Estamos em uma fase complicada. Acabei de formar 40 alunos internacionais, nesta semana. Jovens da África, Ásia, Europa, de todos os continentes. Um master science em food agribusiness management. Gestão de agronegócio e alimentos.

Esses jovens chegam para estudar sobre o Brasil e vêm com uma percepção muito ruim, de que produzimos carne desmatando a Amazônia, de que nossa agricultura é intensiva e que esgotam os recursos naturais; uma péssima imagem. Depois de três meses com aulas ministradas por professores e especialistas do Brasil, eles escrevem nas suas apresentações de avaliação finais: “o governo brasileiro e a política roubam a boa imagem das realidades brasileiras. O Brasil é muito melhor do que parece”.

A ilegalidade de 5% na Amazônia acaba sendo usada por vozes brasileiras como “você não têm nada que se meter nisso, pois já desmataram toda a Europa”. Quer dizer, não comunicamos, afrontamos os clientes.

Um assunto velho, alguém disse no exterior: “Florestas aí, agricultura aqui”, e logo respondemos ao ataque generalizando como se o mundo lá fora estivesse contra nós. Supermercados fazem restrições a produtos do Brasil pelas barreiras de reputação. Logo esbravejamos aqui que isso não passa de concorrentes inimigos para nos prejudicar.

O agronegócio precisa de um pacificador. Lideranças que não adorem a ideia da briga de rua, dos palavrões e do fazer a guerra.

Falar mal da China, hoje nosso maior parceiro, que tem sustentado nossa economia nas importações e, ainda mais, de quem dependemos de princípios ativos para vacina e também defensivos agrícolas, é no mínimo uma burrice comercial astronômica. Falar mal da Europa, nosso segundo maior cliente, é outra imprudência.

Dentro do país, diversas entidades não se entendem e também brigam entre si, colocando política e ideologias no molho da separação. Quando as palavras “clima” e “meio ambiente” são pronunciadas em vão e todos se esquecem de falar do plano ABC +, o sonho de consumo de qualquer consumidor de qualquer parte do planeta. E temos aqui. O Brasil precisa de pacificação.



Aos que querem o comércio, que tapem os ouvidos aos briguentos como Ulisses, na Odisseia, voltando para casa depois da Guerra de Tróia o fez para não ouvir o canto das sereias. No caso dos briguentos brasileiros, não seria exatamente o canto, e sim berros e palavrões de espíritos zombeteiros e mal-educados.

Dentro do agronegócio do país, a fruticultura que vai in natura ao mundo precisa ser protegida. A nossa reputação como marca Brasil será sagrada para que um consumidor do mundo saboreie um cacho das nossas uvas, um mamão com limão, coma uma banana, cuja embalagem já nasce com ela e esparrame pelos seus lábios uma laranja de mesa, a melancia, além de morder suavemente as nossas maçãs, o melão e os frutos do sertão.

A sensorialidade das frutas brasileiras se tornará realidade a partir da imagem assegurada da nossa origem. A Associação Brasileira dos Produtores Exportadores de Frutas e Derivados (Abrafrutas) e seu presidente, Guilherme Coelho, têm plena consciência dessa missão.

***José Luiz Tejon Megido** é mestre em Educação Arte e História da Cultura pelo Mackenzie, doutor em Educação pela UDE/Uruguai e membro do Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS).



Ao Brasil, a paz. Que Alysson Paolinelli receba o Nobel da Paz, com sua obra da agricultura tropical, e que possa simbolizar a pacificação, pois precisamos de um pacificador. A tortura mental nos destrói e cria obstáculos comerciais. Como o poeta Luís de Camões escreveu e repito: “Quem faz o comércio, não faz a guerra”.

E como os jovens alunos internacionais afirmam: “o Brasil é muito melhor do que parece”. 🚲



Foto: Divulgação

CONFIANÇA EM ALTA, MAS

COM ATENÇÃO REDOBRADA

Marcus Frediani

O agronegócio foi um dos setores menos impactados pela pandemia da COVID-19 e, por isso, a confiança na lucratividade é maior do que em outras áreas da economia brasileira. Mas ainda há grandes desafios para perpetuá-la.

Inegavelmente, a pandemia da COVID-19 tem gerado impactos no cenário do agronegócio brasileiro e mundial. No período, foi possível observar um descolamento no otimismo dos produtores agropecuários e das indústrias. O real desvalorizado e a alta das commodities agrícolas no mercado externo, em que pese o fato de terem favorecido as exportações, impulsionaram os preços ao produtor agropecuário no mercado interno, principalmente em função da redução da renda da população, o que, naturalmente, afetou a demanda. Simultaneamente, a falta de chuvas no período de plantio de importantes culturas como, milho, soja e feijão, teve impactos ao prejudicar parcialmente essas lavouras.

A boa notícia, entretanto, é que, segundo o mais recente relatório do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA), divulgado no dia 13 de maio, a tendência de mais um recorde de safra não foi alterada. O Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) deste ano deve ser 12,1% superior em termos reais em relação ao de 2020, com base nos dados de abril. O valor



estimado é de R\$ 1,076 trilhão, enquanto o de 2020 fechou em R\$ 960,2 bilhões. Nesse cenário, as lavouras continuam liderando o indicador, sendo previsto faturamento de R\$ 741,2 bilhões e a pecuária, R\$ 335,1 bilhões. O crescimento do valor delas é de 16%, enquanto o da pecuária é de 4,4%.

Na prática, a maior parte dos produtos analisados pelo Ministério apresentou viés de alta. “Olhando a série de dados nos últimos 32 anos, verifica-se que este ano representa recorde para as seguintes atividades: algodão, com crescimento de 3,7% do VBP; arroz, 4,8%; banana, 2,4%; cacau, 8,3%; cana-de-açúcar, 1,3%; milho, 22,7%; soja, 31,3%; e trigo, 25,4%. Enquanto isso, na pecuária, os melhores resultados

vêm do segmento de carne bovina, com crescimento previsto em 10,3%, e da carne de frango, com alta de 2,2%. Os campeões de faturamento em valores absolutos são soja, carne bovina, milho e cana de açúcar. Esse pequeno grupo contribui com 34% do VBP”, analisa José Garcia Gasques, coordenador da pesquisa e de Avaliação de Políticas e Informação do MAPA.

Confiança restaurada

Como resultado dessa dinâmica – somada ao incremento das exportações de commodities, funcionando como forte impulsionador de receitas para os produtores brasileiros em função da valorização do dólar frente ao real,

especialmente durante a pandemia –, não só no país, como também no mercado global, o fenômeno da retomada da confiança no agro vem se manifestando de maneira bastante evidente. É o que aponta a recente divulgação da 24ª edição da Pesquisa Global com CEOs da PwC (24th Annual Global CEO Survey), com análise focada no setor. De acordo com a pesquisa, a perspectiva no longo prazo, para 77% dos respondentes, é bem mais sólida do que a média brasileira das demais indústrias (67%), já que foi um dos que menos sofreu impacto com a pandemia da COVID-19. O índice de confiança na lucratividade do segmento para 2021 também é maior que a média nacional, sendo 53% ante 49%, respectivamente.

Entre outras coisas bastante interessantes, o levantamento mostra

que quase 50% dos respondentes informaram que a empresa ampliou o quadro de trabalhadores nos últimos 12 meses, enquanto, nos demais setores, o acréscimo foi de apenas 31%. Além disso, 63% dos CEOs do agronegócio têm expectativa de realizar mais contratações no próximo ano, número similar aos demais empresários (62%). O estudo da PwC ainda aponta que o foco na automação (40%), na qualificação e na reputação como empregador ético e socialmente responsável (33%) são as principais estratégias do agronegócio para a força de trabalho a fim de aumentar a competitividade da organização.

Gestão de riscos

Ainda de acordo com a CEO Survey, as ameaças que têm mais peso na agenda

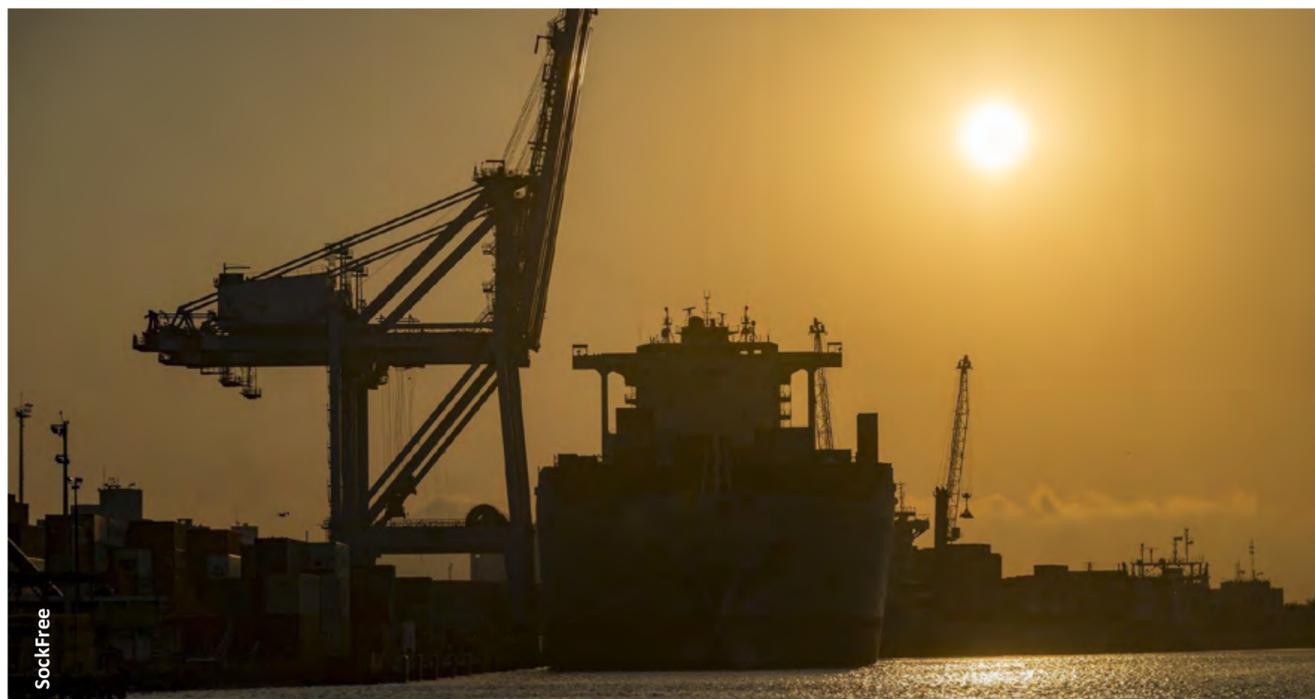


de gestão de riscos do agronegócio (além da pandemia) estão relacionadas à volatilidade cambial (67%), mudanças de comportamento do consumidor (60%), aumento das obrigações tributárias (57%) e mudanças climáticas (47%). O estudo também aponta que mais de 50% dos líderes do setor consideram os mercados da China e dos Estados Unidos como os mais importantes para o crescimento dos seus negócios. Ainda de acordo com a pesquisa, quase 50% dos líderes do agronegócio têm maior foco em reportar os impactos ambientais, pois está entre as áreas-chave e de valor para as companhias. Na média nacional, as prioridades para o bom funcionamento dos negócios, segundo os CEOs do agronegócio, estão relacionadas à educação e a adaptabilidade da força

de trabalho (67%), à saúde e o bem-estar da força de trabalho (57%), a um sistema tributário efetivo (37%) e à infraestrutura (37%).

Em relação ao impacto da pandemia no gerenciamento de riscos, os líderes de agribusiness vão aumentar o foco na reavaliação de tolerância ao risco (66%) e na digitalização da função de gestão de risco (56%) – assim como a média nacional. De acordo com quase 50% dos respondentes da pesquisa da PwC, a COVID-19 está impulsionando investimentos de longo prazo no agronegócio, em especial nas áreas de transformação digital, cibersegurança e privacidade de dados.

E, como os demais setores, o agronegócio espera que as mudanças no regime



SockFree

tributário tenham maior impacto na estrutura de custo (87%) e nas decisões de planejamento e nas obrigações tributárias (73%). Com efeito, o agronegócio e a média nacional percebem as mesmas ameaças ao seu crescimento. Contudo, as ameaças preocupam uma parcela maior dos líderes de agro, sendo as três principais: incerteza da política tributária (73%); aumento da obrigação tributária (67%); incerteza política (63%). Assim como na média nacional, os CEOs do agronegócio acreditam que um sistema tributário efetivo (77%), emprego (43%), educação (40%) e infraestrutura (37%) deveriam ser as prioridades do governo.

ESG no agronegócio

Seja como for, fato é que o agronegócio brasileiro continua chamando a atenção no panorama global. O país é um dos principais players do setor no mundo e lidera a produção e exportação de diversas commodities agropecuárias. Até 2030, a produção agrícola brasileira deve crescer mais de 20%, segundo a pesquisa Projeções do Agronegócio, do MAPA.

Contudo, esse protagonismo evidente traz, naturalmente, uma carga extra de responsabilidade para os produtores nacionais. E um dos principais – senão, “O” principal – na leitura da PwC Brasil, é a necessidade urgente de as empresas locais adotarem estratégias consistentes



SockFree

e modelos de negócios alinhados às melhores práticas de Environmental, Social and Corporate Governance (ESG – em bom português, Práticas Ambientais, Sociais e de Governança Corporativa), a fim de criar diferenciais de mercado e criação das bases de crescimento e perpetuidade ante aos futuros desafios.

Assim, entre outras coisas, é fundamental que a atuação dessas organizações passe a concentrar atenção especial e foco em temas relevantes e estratégicos ligados a tais práticas, a fim de que elas possam responder de maneira cada vez mais ágil às aspirações dos mercados interno e externo, bem como à crescente demanda dos stakeholders por informações claras e seguras sobre seu desempenho e sua forma de conduzir os negócios. Nesse sentido, uma pesquisa realizada pela PwC Brasil, no final do ano passado, revelou que 47% dos players do agronegócio respondentes afirmaram que é tão importante ter acesso a informações ESG quanto a informações financeiras da



empresa. Assim, torna-se cristalino que quanto mais cedo a empresa se preparar para enfrentar esse desafio, maiores serão suas chances de sucesso.

Tendências e entraves

No elenco de prioridades dessa dinâmica, esse levantamento também mostra a necessidade de atendimento a uma série de tendências essenciais para o setor, já consolidadas em 2021 ou ainda em fase de consolidação. Entre elas, as mudanças dos hábitos de consumo; o foco na inovação, na digitalização e na força de trabalho; maior visibilidade e transparência na cadeia de valor; e o estabelecimento de melhores parcerias com os fornecedores em face à volatilidade e às incertezas do mercado.

Entretanto, o que gera preocupação e vem na contramão desse entendimento,

é que outro estudo, também realizado em 2020 com diferentes stakeholders do setor, só que desta vez pela Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) – a pesquisa “Agronegócio: desafios à competitividade do setor no Brasil” – identificou que o tema da governança e gestão, um dos pilares do ESG, foi apontado como o segundo principal gargalo do setor de agronegócio no Brasil, atrás somente de infraestrutura.

Complementarmente, a questão ambiental também precisa ser vista com atenção. Segundo a Pesquisa Anual Global de CEOs 2021 da PwC, 47% dos líderes brasileiros do agronegócio acreditam que suas empresas precisam fazer mais para divulgar seu impacto ambiental, ante 39% do resultado global. Conclusão: ainda há muita lição de casa para fazer nesse aspecto. 🚲

INVISTA NO AGRONEGÓCIO



DIVULGUE A SUA MARCA NO SEGMENTO
ECONÔMICO ONDE OS NEGÓCIOS ACONTECEM

- O Agronegócio Brasileiro é o maior consumidor de produtos e serviços de todas as naturezas.
- Não fique fora deste imenso mercado.



Esteja conosco na próxima edição

Revista
AgriMotor
O agronegócio em destaque

www.agrimotor.com.br
diretoria@grips.com.br

Os avanços necessários na política ambiental

A política ambiental também precisa fazer justiça à postura avançada da agropecuária, que conserva imensa área de matas nativas e mananciais fluviais.

João Guilherme Sabino Ometto*

A mudança de discurso do presidente Jair Bolsonaro quanto à política ambiental brasileira, na recente Cúpula do Clima promovida por seu colega norte-americano, Joe Biden, foi positiva para o Brasil. Ao anunciar mais verbas para fiscalização, antecipação em dez anos, para 2050, da meta de neutralidade na emissão de dióxido de carbono e erradicação até 2030 do desmatamento ilegal, sinalizou uma nova atitude do País num tema crucial para a humanidade.

Contudo, o ceticismo referente à postura brasileira somente será reduzido se ações concretas confirmarem o teor do pronunciamento de Bolsonaro. Temos boa oportunidade de apresentar uma nova política ambiental até a 26ª Conferência das Partes da Convenção da ONU sobre Mudança do Clima (COP 26),



Pixabay

em novembro deste ano, em Glasgow, na Escócia. Cabe-nos demonstrar, na prática, o comprometimento com o combate às mudanças climáticas e, principalmente, a proteção das florestas, revertendo o aumento do desmatamento e queimadas na Amazônia verificado nos últimos dois anos.

O Brasil precisa inserir-se novamente como protagonista na agenda global do meio ambiente. Não pode mais ser excluído de eventos importantes, como ocorreu, em dezembro último, na reunião Climate Ambition Summit, preparatória à COP 26, pois está à frente de muitas nações desenvolvidas na redução da emissão de carbono e é

estratégico nessa questão, considerando suas hidrelétricas, biocombustíveis e as energias eólica e solar. Liderou o debate do clima, apresentando o renovável etanol na ECO-92 e, na Rio + 20, levantou bandeiras contra o aquecimento global, ao contrário de países hipócritas, que nunca mexeram uma palha nesse assunto, praticando a diplomacia do faz de conta.

O fato é que o Brasil precisa de uma nova atitude referente à Região Amazônica e medidas concretas para conter o desmatamento ilegal, sem o que ficará isolado e perderá recursos e negócios. Não me refiro apenas a eventuais sanções oficiais de governos, mas

também às decisões de investimentos produtivos. Para os detentores do dinheiro, os princípios de ESG (do inglês Environmental, Social and Governance, ou Ambiental, Social e Governança) são cada vez mais decisivos.

Além do discurso, precisamos de ações congruentes com a importância do País para a sustentabilidade global, considerando suas dimensões, clima, biodiversidade, reservas hídricas e potencial como produtor de alimentos e energia limpa. A política ambiental também precisa fazer justiça à postura avançada da agropecuária, que conservar imensa área de matas nativas e mananciais fluviais.

Sessenta e um por cento da cobertura vegetal nativa do Brasil estão preservados, sendo que 11% do total encontram-se dentro das 5,07 milhões de propriedades rurais do País. Apenas 9% do nosso território são ocupados por lavouras e 38,7% correspondem à produção agrícola, pastagens e florestas. Na nossa matriz energética, 42,9%, contra 13,8% na média mundial, provêm de fontes

renováveis, sendo 17% referentes ao setor sucroenergético.

Temos muito o que mostrar e dispomos de know how sobre como trabalhar a terra de modo sustentável. Estamos dispostos a compartilhar esse conhecimento com outros povos. Porém, não é prudente - e nem justo com os agropecuaristas e trabalhadores do campo - esconder tudo isso sob a fuligem das queimadas amazônicas.

Seria um grande avanço do Brasil, na agenda global da década que se inicia, adotar uma postura transparente, corajosa e sinérgica com os esforços das nações civilizadas, encarando de frente a questão amazônica, que não é nova, demonstrando o que sabemos fazer em termos de preservação e que estamos dispostos a enfrentar o problema. Com certeza, os produtores rurais estarão ao lado do governo nessa causa. Agindo assim, inauguraríamos uma etapa construtiva nas relações internacionais, atrairíamos mais investimentos e, sem dúvida, preservaríamos nossa floresta e, claro, nossa soberania.



***João Guilherme Sabino Ometto** é engenheiro (Escola de Engenharia de São Carlos - EESC/USP), empresário e membro da Academia Nacional de Agricultura (ANA).



Foto: Divulgação

A Tecnologia no AGRONEGÓCIO

No estudo está provado que o agricultor brasileiro é mais ligado em tecnologia do que o agricultor norte-americano.

Ju Ferreira*

Já sabemos que a tecnologia vem tomando o campo das mais diferentes maneiras. Maquinários sofisticados, inovações na colheita, processamento de insumos agrícolas e a comunicação entre o produtor rural e o vendedor têm se destacado por meio de novas soluções - especialmente em tempos de Covid-19.

De fato, a digitalização no agronegócio já é uma tendência consolidada que a cada dia faz mais parte da realidade do produtor brasileiro, seja em serviços técnicos, de gestão ou na compra de insumos e os ganhos em termos de produtividade e sustentabilidade fortalecem este novo contexto.

O último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que o acesso à internet no campo teve um avanço de 1900% nos últimos anos. Hoje, mais de 1,4 milhão de produtores rurais já estão conectados. E, à medida que a conectividade aumenta, o interesse pelas compras digitais,



também. Um estudo realizado pela consultoria McKinsey revelou que, para as próximas safras, 46% dos agricultores estão dispostos a fazer seus pedidos digitalmente, mostrando a necessidade de redes de distribuição aderirem às vendas online e o relacionamento digital.

Neste cenário, o WhatsApp ganha destaque, sendo o principal meio para transações digitais, principalmente no que se refere à compra e venda de grãos. Em outras áreas, as plataformas digitais vêm ganhando espaço, mas ainda são fragmentadas. Com as hortaliças, por exemplo, mais da metade dos produtores (52%) não usam o digital para suas compras.

Em termos de digitalização, o estudo ainda mostra que o agricultor brasileiro

é mais ligado em tecnologia do que o agricultor norte-americano. Apesar de compras online não significarem necessariamente a utilização de tecnologias digitais no campo, no Brasil a porcentagem dos agricultores que fazem compras online para a fazenda é 12% superior que nos Estados Unidos. Ou seja, o agricultor brasileiro tem interesse em conhecer em como a tecnologia pode auxiliar no campo.

Mas o digital não está presente apenas nesta parte que se refere à compra dos insumos, mas sim ao longo de toda a jornada do agricultor. No que tange a comercialização da produção, por exemplo, o número de agricultores brasileiros dispostos a vender 100% da

sua produção on-line dobrou do último ano para cá.

Acredito que o uso de tecnologia no agronegócio ainda é muito heterogêneo entre as culturas e regiões. Os altos custos e a falta de infraestrutura são os principais obstáculos para uma maior adoção de tech. É comum, por exemplo, que mesmo adquirindo máquinas com tecnologia agrícola, os produtores não consigam usufruir nem 10% do que elas oferecem. Faltam capacitação e fabricantes engajados para lidar com a complexidade que é a transformação digital deste setor.

A verdade é que o contato pessoal ainda é e sempre será relevante, mas a

multicanalidade está aqui para ficar. O aumento do uso das tecnologias digitais não significa a diminuição da mão de obra, que continuando essencial para qualquer prática agrícola. Muito pelo contrário: essas soluções vêm para simplificar e qualificar ainda mais as atividades de quem trabalha no campo.

Com isso, o setor agro só tem a crescer. Afinal, a digitalização trouxe um grande impacto positivo para todo o segmento - expandindo oportunidades, abrindo novas frentes e permitindo gerações de serviços antes desconhecidas. Pela expectativa do mercado, o clima está favorável para boas colheitas no campo digital. 



***Ju Ferreira** é palestrante e mentora, criadora da metodologia Alquimia Pessoal, executiva de uma empresa de TI há 17 anos. Mais informações em www.juferreira.com.br e www.alquimiapessoal.com.br



Foto: Divulgação

Empresa dá presente em seu aniversário

A ISLA Sementes, empresa com grande portfólio de sementes no Brasil, criou um envelope especial para o Girassol Sol Vermelho, em comemoração ao seu aniversário de 66 anos de atividades.

A ideia é representar e compartilhar o desejo da ISLA de seguir por muitos anos valorizando a horticultura brasileira, levando alimentos à mesa, entendendo a importância de comer melhor e inspirando muitas hortas em casa.

A ação vai distribuir o produto em embalagem comemorativa para os clientes que fizerem pedidos no site da empresa durante o mês de maio e para todos os seus funcionários.

Quem receber o Girassol Sol Vermelho poderá cultivar como microverdes e consumir os raminhos em poucos dias ou então, cuidar durante os meses seguintes até que as lindas flores cheguem completando a primavera.

#isla66anos #somostodossementes #aniversarioislasementes #tecnologiaaoseualcance

Site: <https://www.islasementes.com.br>



Foto: Divulgação

Mulheres no Agronegócio

De acordo com a Fundação Getúlio Vargas, as mulheres respondem por 34% dos cargos de lideranças em fazendas, um patamar inédito que não deve desacelerar nas próximas safras.

A presença feminina no campo está cada vez mais forte, e foi reforçada pela 8ª Pesquisa ABMRA Hábitos do Produtor Rural, divulgada no fim de maio, desse ano.

A produtora de café e mentora do movimento Todos a Uma Só Voz, Mariselma Sabbag, identifica os últimos dez anos como os mais intensos das mudanças recentes.

“Quando penso na minha mãe, por exemplo, sei que tinha um papel fundamental nos negócios, mas ela não era vista como uma protagonista. Devemos comemorar a mudança de cenário porque é uma evolução. Hoje uma mulher pode comandar um negócio do agro sem muitas das barreiras que ela teria dez ou vinte anos atrás”, comenta.

Para saber mais sobre o movimento, acesse:

<http://www.todosaumasovoz.com.br>.



Foto: Divulgação

New Holland lança novos tratores

Em coletiva de imprensa virtual realizada nos últimos dias a New Holland, acaba de lançar a sua nova linha de tratores de alta potência. As máquinas



Foto: New Holland

T8 PLM Intelligence

contam com uma arquitetura eletrônica embarcada de fábrica totalmente remodelada e voltada para a agricultura digital, conectada e de alta performance. Os tratores T8 e T9 PLM Intelligence trazem um novo conceito que busca melhorar a eficiência, entregando maior produtividade com menor custo operacional.

Segundo divulgado o PLM (Precision Land Management) Intelligence traz, entre outros

benefícios, um conjunto de alta tecnologia e capacidade para atender a demanda por agricultura de precisão do campo. A conectividade total destes tratores possibilita, por exemplo, uma melhor gestão da frota, seu controle e suporte nas operações agrícolas, já que estarão totalmente conectadas com os novos portais da marca, o MYNEWHOLLAND, de suporte e treinamento, e o MYPLMCONNECT, de telemetria.

Maiores detalhes:

<https://newholland.com.br/agriculture/tratores/t8>



Foto: New Holland

T9 PLM Intelligence

ANUNCIANTES

CEDISA	2ª Capa
Grips Editora	3ª Capa
LARZINHO - Casa Jesus. Amor e Caridade	15
Revista AgriMotor	27

SUA MARCA NO AGRONEGÓCIO



Você ainda não fornece produtos e serviços para o agronegócio?

Fale diretamente para quem decide e aumente a sua possibilidade de novas vendas.



Anuncie nos mais eficientes canais de comunicação

Portal Agrimotor

Revista Agrimotor

www.agrimotor.com.br

Consulte-nos e surpreenda-se.

Revista **AgriMotor**

diretoria@grips.com.br

Fones: (11) 3811-8822 e (11) 9 9633-6164